



José Dutra

Um gostar sem explicação

Arquivo pessoal



JOSÉ COM A FILHA MAIS VELHA NA CASA EM TAGUATINGA, EM 1963

STELA MÁRIS ZICA

Especial para o CORREIO

Sem o trabalho incansável deste pioneiro, certamente, os primeiros moradores de Brasília não teriam conhecimento do que acontecia no Brasil e no mundo. José Dutra era quem trazia para cá, no início da década de 60, os famosos *radinhos*, tão disputados no início da construção. Naquela época, a TV era artigo de luxo e presente em pouquíssimas residências.

Mas a vinda do pioneiro para Brasília — em dezembro de 1961 — foi cheia de rodeios. Sair do estado de São Paulo para arriscar a vida no cerrado era uma das últimas coisas que ele imaginava até que o diretor da Telespark — empresa onde Dutra trabalhava — resolveu enviá-lo para a filial em Anápolis. “A empresa estava se expandindo no estado de São Paulo e eu no fundo tinha vontade de trabalhar na região de Bauru, Ribeirão Preto ou São José do Rio Preto. Como eu era um meninão e o funcionário da filial no Centro-Oeste estava se aposentando, só sobrou Anápolis”, lamenta. Mas o representante comercial, transferido como autônomo, ficou apenas três meses naquela filial. “É que os custos seriam muito altos para a matriz, que teria gastos com aluguel etc. Então a diretoria me propôs ficar em Anápolis ou ir para Brasília, onde a empresa já dispunha de um prédio”, afirma. A loja fun-

cionava no maior centro comercial da cidade, na 102 Sul.

O emprego não era problema para o pioneiro. Só faltava mesmo uma moradia. Até encontrar um local adequado, o jeito foi buscar abrigo no Hotel Jurema, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Lá ele ficou apenas dois meses. “O comércio na Cidade Livre nessa época estava se

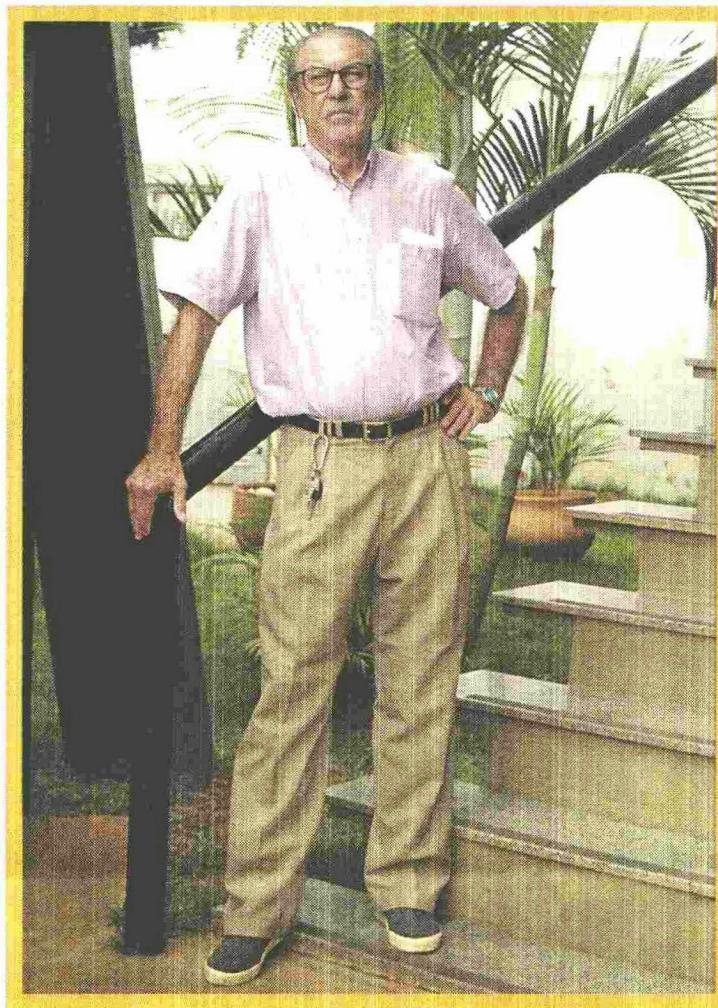
mudando para a Asa Norte”, acrescenta. Era lá que José Dutra costumava fazer suas compras. Da feira agrícola, ele levava para casa produtos fresquinhos vindos diretos do campo. Os enlatados e as conservas ele fazia questão de comprar em São Paulo, para onde costumava viajar de três em três meses para fazer a prestação de contas.

O primeiro endereço do pioneiro foi na QNB 2, próximo à Praça do Relógio, em Taguatinga, onde alugou uma casa. “A cidade era só barracos de madeira, tinha pouquíssimas casas de alvenaria, depois é que tudo foi mudando”, lembra o morador. Teto garantido, José Dutra pôde finalmente buscar a esposa, que estava gestante. No cobiçado

DKV/Vemag — jipe da década de 60 — ele viajou durante dois dias com o máximo de cuidado e parando em tudo quanto era lugar. “Isso aqui era um sertão”. A esposa não teve uma boa impressão do lugar. “Só para se ter uma idéia, o Plano Piloto se resumia a alguns ministérios, a Catedral, o Palácio do Planalto e o Hotel Nacional. O Conjunto Nacional nem existia ainda”. Imagine a cidade de Taguatinga, então. Na verdade, José Dutra pensava ficar por aqui apenas três anos até fazer a vida. Depois ele voltaria para São Paulo. O pioneiro conta que chegou a comprar um apartamento lá pensando já na volta.

De sua casa, na cidade-satélite, ele seguia todos os dias no mesmo jipe para a Asa Sul para mostrar as últimas novidades do mercado dos eletroeletrônicos. Isso quando não estava a trabalho nas outras regiões do país. Na estrada de chão, ele fazia sempre o mesmo trajeto, passando pelo Núcleo Bandeirante. É que, naquela época, ainda não haviam construído a Estrada Parque. Com o esforço do pioneiro, os primeiros auto-rádios e eletrolas chegavam ao cerrado. “Eu vendia muitas peças de reposição, aparelhos de rádio portáteis e os de mesa também. Na época da Copa do Chile, em 1962, eu chegava a vender de 500 a mil aparelhos numa pancada só”, contabiliza. “Foi nessa época que eu ganhei um dinheiro”, garante.

O pioneiro chegou a Brasília, transferido pela empresa paulista onde trabalhava, em 1961. Com comércio de rádios e eletrolas ganhou dinheiro e resolveu ficar na cidade



DEPOIS DE AJUDAR NA CONSOLIDAÇÃO DA CIDADE, JOSÉ DEDICA O TEMPO AO CULTIVO DE MILHO, FEIJÃO E HORTALIÇAS EM SUA FAZENDA

Segundo o comerciante, os rádios vendidos aqui — modelo Transcosmos — pegavam ondas médias e curtas. Era um dos mais possantes da época. As rádios do Rio e São Paulo eram sintonizadas na capital sem interferência nenhuma. “Em volume eu vendia mais os rádios portáteis e os rádios de mesa. Os auto-rádios quase não saíam. Isso porque aqui não havia muitos carros.” A eletrola, aquele aparelho de som no qual se usavam discos de vinil, era um luxo, por isso era vendida apenas para a alta sociedade. A clientela de José Dutra estava concentrada na W3 Sul, como a Bazar Paulista, Solomac e a Italbras, grandes lojas de eletroeletrônicos da cidade. Foi lá que o comerciante conheceu alguns deputados que costumavam andar por ali.

O sucesso nas vendas trouxe bons lucros para o vendedor, que, depois de pouco mais de um ano morando na cidade, pôde realizar seu grande sonho. O de comprar a casa própria. “Naquele tempo o apelido de cidade fantasma (nome que deram a Brasília devido à insegurança dos empresários e moradores que tinham receio da volta da capital para o Rio de Janeiro) já era passado. Com o estouro da revolução, em 1964, os ânimos da população acalmaram e a possibilidade da volta do governo caiu por terra com o decreto de Geisel que obrigava todos os embaixadores a virem para Brasília. Com isso, as embaixadas tiveram que se mudar para cá. Antes, o governo é que tinha que ir até eles. Isso era um absurdo”, critica. Em pouco tempo, foi construída a Avenida das Nações, onde funciona a maioria das embaixadas. Era o fim da história de “cidade fantasma” e

o início de uma era de investimentos e confiança no desenvolvimento da nova capital. Seis anos após a chegada a Brasília, José Dutra resolveu trabalhar com o comércio de televisão. O novo representante comercial da Semp Toshiba ficou na empresa durante 20 anos.

A adaptação

“No início, eu passei muitas dificuldades por aqui. Além do mais eu estranhava tudo. Como havia um descampado muito grande, aquele vento forte passava e quase levantava o telhado dos barracos”, lembra. Para o alívio do pioneiro, naqueles tempos a indústria de moda lançou uma camisa em tecido especial, que costumavam chamar de “volta ao mundo”. Pelo visto foi a melhor coisa que apareceu para driblar a poeira. “Chegava ao fim do dia a gente tirava a camisa, lavava lá mes-

66
EU VENDIA MUITAS PEÇAS DE REPOSIÇÃO, APARELHOS DE RÁDIO PORTÁTEIS E OS DE MESA TAMBÉM. NA ÉPOCA DA COPA DO CHILE, EM 1962, EU CHEGAVA A VENDER DE 500 A MIL APARELHOS NUMA PANCADA SÓ **99**

mo debaixo do chuveiro e no outro dia bem cedo já estava seca e pronta pra usar de novo”, explica José Dutra.

Além do clima seco da cidade, o paulista também tinha dificuldades para fazer amizades por aqui. “Não sei se era porque a vida aqui era só trabalho, trabalho e trabalho, mas confesso que eu não tinha muitos amigos.” A única diversão da família Dutra era a pescaria no rio Santo Antônio do Descoberto, próximo ao Clube Alvorada, na divisa de Goiás com o Distrito Federal. “A gente costumava pegar um peixinho também lá no lago. Era uma distração, além disso, não tinha mais nada para se fazer. Mas também valeu, porque eu vim com o objetivo de trabalhar e fazer a vida e não de me divertir”, afirma. “Apesar das dificuldades, gosto muito daqui. Agora não sinto mais vontade de ir a São Paulo ou Rio de Janeiro. A gente vai esquecendo da cidade com a qual você era habituado. Enraizei aqui. Se me perguntarem por que gosto de Brasília eu não sei responder. Talvez seja porque criei todos os meus filhos aqui”, afirma o avô.

Aos 68 anos de idade, José Dutra faz o que gosta. Depois de percorrer as estradas poeirentas do cerrado, a trabalho, hoje ele busca o sossego em sua fazenda, a 26 km de Brasília. Lá ele pega o trator e prepara a terra para o cultivo de milho, feijão e algumas hortaliças. Além da agricultura, José Dutra descobriu sua nova especialidade: a produção de queijos. Com três de seus filhos morando na propriedade ao lado e um sorriso nos lábios nem é preciso ir longe para descobrir a razão de tanta alegria.

Raio X

Nome:	José Dutra
Idade:	68 anos
Origem:	Pedreira, São Paulo
Ano de chegada a Brasília:	1961
Profissão:	Representante comercial aposentado
Estado civil:	Separado consensualmente
Filhos:	Márcia, Daniel, Silvana, Andréa, Tino José, José Augusto e Pedro
Netos:	Rômulo, Rodolfo, Rebeca, Lucas, Matheus, Ana Clara, Paulo Vitor, Marco Túlio, Vitória, Bárbara e Débora